

# LITERATURA DE CORDEL



## OLHARES INTERDISCIPLINARES

Organização

**Ana Maria Paiva Morão** (Coordenação geral)

**Fabio Mario da Silva**

**Francisco Melo Ferreira**

**Isabel Lousada**

**Vania Pinheiro Chaves**

calei  
do sc  
ópio

“Compreende-se que a literatura de cordel não designa qualquer género literário: aproveitando a proposta de A. Forjaz de Sampaio, trata-se apenas de uma «designação bibliográfica».

A literatura de cordel deverá ser considerada no âmbito da literatura popular tradicional.

De um ponto de vista histórico-cultural, ela recolhe e prolonga os temas de tradição, mas também aproveita, e abundantemente, os fatos contemporâneos de carácter sensacionalista. Contudo, digamos de passagem que a literatura culta também difundiu algumas composições através dos «folhetos»: principalmente as de natureza dramática.”

**João David Pinto Correia,**  
«Literatura de cordel», in  
Dicionário Enciclopédico da  
História de Portugal, vol. I, Lisboa:  
Publicações Alfa, 1985, p. 391.

# **LITERATURA DE CORDEL**



**OLHARES INTERDISCIPLINARES**



# LITERATURA DE CORDEL



## **OLHARES INTERDISCIPLINARES**

Organização

**Ana Maria Paiva Morão** (Coordenação geral)

**Fabio Mario da Silva**

**Francisco Melo Ferreira**

**Isabel Lousada**

**Vania Pinheiro Chaves**

calei  
do  
sc  
ópio

**Título**

Literatura de cordel: olhares interdisciplinares

**Organização**

Ana Maria Paiva Morão (Coordenação geral)

Fabio Mario da Silva

Francisco Melo Ferreira

Isabel Lousada

Vania Pinheiro Chaves

**Comissão Científica**

Ana Margarida Ramos (Universidade de Aveiro)

Anamaria Filizola (Universidade Federal do Paraná)

Annabela Rita (Universidade de Lisboa)

Evelina Hoisel (Universidade Federal da Bahia)

Fátima Sá e Melo Ferreira (Instituto Universitário de Lisboa)

Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin (Universidade de São Paulo)

Francisco das Neves Alves (Universidade Federal do Rio Grande)

Henrique Marques Samyn (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

José Manuel Pedrosa Bartolomé (Universidad de Alcalá)

Luís Manuel Tarujo Ferreira (Universidade do Porto)

Márcia Abreu (Universidade Estadual de Campinas)

Maria Alice Amorim (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Maria do Carmo Campos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Maria Eunice Moreira (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Maria João Brilhante (Universidade de Lisboa)

Maria Virgínia Leal (Universidade Federal de Pernambuco)

Natália Albino Pires (Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nefatalin Gonçalves Neto (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

**Design e Paginação** José Teixeira

**ISBN** 978-989-658-806-9

**DOI** <https://doi.org/10.30618/978-989-658-806-9>

**Depósito Legal** 516685/23

**Edição** 1.ª edição – Junho de 2023



**Caleidoscópio** – Edição e Artes Gráficas, S.A.

Rua Cidade de Nova Lisboa

Quinta da Fonte do Anjo n.º 1-A

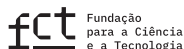
1800-108 Lisboa

[www.caleidoscopio.pt](http://www.caleidoscopio.pt) / [caleidoscopio@caleidoscopio.pt](mailto:caleidoscopio@caleidoscopio.pt)

Tel.: [+351] 219 817 960 / fax.: [+351] 219 817 955



**CLEPUL** CENTRO DE ESTUDOS  
E INVESTIGAÇÃO  
E INOVAÇÃO  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto UIDB/00077/2020.

## As malícias das mulheres entre a cultura erudita e os folhetos.

### Uma tradição dos dois lados do Atlântico

Luísa M. Antunes Paolinelli\*

Entre as produções do famoso cordelista brasileiro Manuel d'Almeida Filho (1914-1995) encontram-se os textos *A traição de Dalila e a força de Sansão* (1958), *A noite das camas trocadas* (1979), *A sedutora maldita* (s.d.) e *Dona Sarita e seus três machos*, publicado na Editora Luzeiro com o pseudónimo de Giovanni Boccaccio. Também Minelvino Francisco Silva (1926-1998) elege, num dos seus poemas de cordel, *dois livrinhos para você: O casamento da raposa com o veado e A maldade*, a relação entre o masculino e o feminino, atribuindo a este último os poderes de sedução e malícia que ameaçam enredar o companheiro num destino lamentável. Repete também os preconceitos e estereótipos mais comuns relacionados com a figura da mulher: a sua loquacidade (*História da mulher da língua grande*), o engano e a capacidade de controlar o homem (*História da moça que levantou um falso ao Diabo*), a maldade e o domínio dos instintos mais baixos (*História da mulher ciumenta que comeu o marido assado*).

Os autores e títulos são exemplificativos da temática das malícias femininas na literatura de cordel, tradição complexa que na literatura ocidental se alicerça na produção greco-latina e tem, a partir da Idade Média, desenvolvimento nos livros de enganos e malícias das mulheres. Tratados, autos, poemas, diálogos, textos de exemplos, mas também folhetos, vão, ao longos dos séculos, alimentar, em diálogo com as obras de medicina, científicas, didáticas, filosóficas e jurídico-políticas,

---

\* Universidade da Madeira/CLEPUL/CEG.

um discurso sobre a mulher que estabelece e constata as suas artes e poderes.

Na tradição dos textos de enganos ou malícias das mulheres não só se multiplicam diferentes géneros literários, mas também se interligam e se contaminam – das temáticas aos *topoi* – as práticas e experiências da cultura erudita e as da cultura popular, numa troca contínua de retomas e inovações. Os medos e incompreensões, acusações e defesa relacionados com a guerra dos sexos são visíveis nos textos ligados a esta tradição, quer nas obras produzidas nos setores da alta cultura, quer nos folhetos de cordel, construindo uma imagem negativa da mulher, quer o objetivo fosse apenas o entretenimento dos leitores ou o mais sério, o do seu afastamento das esferas social, da ciência e de poder que o homem pretende manter como próprias.

Espelho dos preconceitos masculinos em relação à mulher (o preconceito religioso, o social, o moral e os preconceitos “quase-inocentes”, mascarados com as boas intenções masculinas, ou seja, aqueles que criam das mulheres a imagem de infiéis, traidoras, enganadoras, oportunistas e vigaristas), os folhetos, que se continuaram a produzir com sucesso até durante o século XX, refletem uma cultura que dialoga com diversos textos de diferentes tempos, como o *Livro de enganos*, traduzido na corte de Afonso, o Sábio, ou o teatro de Baltazar Dias, numa espécie de pedagogia duradoura para defesa dos homens.

Partindo do conceito de que a tradição/tradições não são transmitidas ou herdadas de forma linear e de que dependem do dinamismo de diálogo e de aquisição, retomas e inovações, a produção dos textos de malícias é transversal às literaturas europeias, com especial relevo para a italiana, a portuguesa e a francesa, e é igualmente transversal do ponto de vista temporal, sendo plurissecular. De facto, foi através dos séculos que se formou uma espécie de “inteligência universal” sobre o sexo feminino contida num conjunto de obras de diversas proveniências e línguas e diferentes épocas, a que os autores recorriam para demonstrar a sua autoridade ou para se inspirar, numa estratégia de citação e reinvenção.

Da dicotomia da mulher clássica, que se caracterizava pela virtude ou pela falta dela, à divisão cristã entre a mulher virtuosa, representada por Maria, e a pecadora, configurada em Eva, a imagem feminina forma-se no mosaico poliédrico de relações entre a cultura clássica e a medieval, o Renascimento e as Luzes, os folhetos, que chegam ao século XX, e a literatura de cordel no Brasil. Uma imagem, figura e

orientação caracterizadas na tradição dos textos de malícia e enganos pela negatividade das quais se alimenta o pensamento ocidental sobre a mulher.

Além do material proveniente do património antigo greco-latino, há que considerar a importância do modelo que servirá de arquétipo a muitos dos livros de enganos e malícias femininas medievais: *El sendebar, libro de los engaños y de los ensañamientos de las mujeres*. Datado de 1253, mandado traduzir para castelhano pelo irmão de Afonso X, D. Fadrique, a partir de um modelo árabe perdido, é reconduzível ao património narrativo oriental, sendo a versão castelhana, como explica Veronica Orazi,<sup>1</sup> a que pertence ao ramo mais antigo da tradição e transmissão desta obra, ao qual também são associados o *Sinbad* siríaco, o *Syntipas* grego, o *Mishle Sendebār* hebraico, o *Sete Vizires* árabe e três versões em pahlevî.

Ulrich Marzolph e Richard van Leeuwen, justamente a propósito da génese do ramo oriental, consideram que *Sindbâd-nâme* (*O livro de Simbad*) é o título do “Eastern branch of a collection of moral stories that also exists in medieval European versions”.<sup>2</sup> Dada a existência de material que aproxima esta coleção a textos sânscritos, foi sugerido por Upadhyaya, em 1968, que teria origem indiana. No entanto, os estudos mais recentes, como apontam os autores, fazem crer numa origem persa, sendo o original uma obra em pahlevî compilada antes do século VIII. O *Sindbâd-nâme* é mencionado por autores persas e árabes dos séculos IX ao XI, tendo a versão árabe sido incorporada nas “*Arabian Nights* under the title *The Craft and Malice of Women* in the Bûlâq and Calcutta II editions. Another version is included in the *Hundred and One Nights*”.

Ao ramo ocidental, mais próximo à dimensão cristã, mas continuando a caracterizar-se pela tradição misógina, pertencem o *Dolopathos; sive, De rege et septem sapientibus latino*, de Johannis de Alta Silva, no final do século XII (entre 1190 e 1210), e *Historia septem sapientum romae*, traduzidos em várias línguas (como o catalão, inglês, celta, dinamarquês, holandês, provençal, francês, nos séculos XII e XIII, alemão, no século XV, italiano, nos séculos XIV e XV, espanhol, etc.). É a este último que Baltazar Dias se referirá no seu *Malícia das*

1. ORAZI, V. – Prefazione. In *Sendebār, il libro degli inganni delle donne*, p. 17-18.

2. MARZOLPH, U.; LEEUWEN, R. Van – *The Arabian nights encyclopedia*, p. 703.

*mulheres*, citando como autoridade, a par de Marco Aurélio, Terêncio, Cícero, Diógenes ou Ovídio, os sete Sábios de Roma.<sup>3</sup>

*El sendebar* é construído como *exemplum*, do modelo dos espelhos de príncipes, recorrendo por vezes ao humorismo, apesar do carácter geral ser marcado pela transmissão de valores e comportamentos exemplares. O objeto da formação é o Infante que, ao resistir à sedução da madrinha, é acusado por esta de tentativa de violação. O rei, zangado com o filho, condena-o à morte. A madrinha acaba por ter de se confrontar com os sete confidentes, contando-se mutuamente *exempla* que acabam por revelar o comportamento fraudulento da mulher.

E, señor, non te di este enxemplo sinon que non mates tu fijo por dicho de una muger, ca las mugeres ayuntados en sí an muchos engaños. [...]

E yo, señor, non te di este enxemplo sinon porque sepas el engaño de las mugeres, que son muy fuertes sus artes e son muchos, que non an cabo nin fin. [...]

E, señor, non te di este enxemplo sinon que non creas a las mugeres, que son malas: que dize el sabio que “aunque se tornase la tierra papel e la mar tinta e los peços d’ella péndolas, que non podrían escrever las maldades de las mugeres”.<sup>4</sup>

A dupla imagem feminina, com uma face positiva – retratada na esposa sábia, casta e fiel do rei de uma das histórias contadas – e uma face negativa, presente na madrinha luxuriosa e em todas as mulheres manipuladoras, mentirosas e de fáceis costumes dos *exempla*, segue a tradição da literatura (dos *fabliaux* à novelística oriental) e da tratadística, exaltando o saber e o discernimento do homem, essenciais em qualquer ocasião da vida para distinguir o bem do mal, principalmente quando se trata da mulher.

A par dos *exempla*, a perfídia e engano da mulher encontram terreno fértil nos *fabliaux*, como nas lamentações de *Matheolus* (1295, traduzido em língua vulgar por Jean Le Fèvre no final do século XIV) e no famoso *Doligamus, Fabulae*, datado de 1315, de Adolf von Wien,

3. DIAS, B. – *Baltazar Dias*. In FRANCO, J. E.; PAOLINELLI, L. A.; TRINDADE, C., p. 282.

4. ORAZI, V. – *Sendebar...*, p. 76, 70 e 146.

que contém um conjunto de composições de temática misógina que retrata a conduta enganosa do ser feminino. Com intenção de contar histórias exemplares, o autor trata dos vários truques que as mulheres usam para submeter os homens aos seus intentos.

Amparados por textos de teor teológico e filosófico e pela tratadística (de que é exemplo, para dar um entre tantos, o tratado *De secretis mulierum*, composto nos séculos XIII ou XIV)<sup>5</sup>, multiplicam-se os motivos recorrentes da tradição antifeminina na literatura, das cantigas de escárnio e maldizer galaico-portuguesas à poesia realista italiana dos séculos XIII e XIV. O século XIV fica marcado pela obra de Giovanni Boccaccio *Il Corbaccio* (c.1365), que serve de modelo e é traduzida e retraduzida diversas vezes, recalçada e repetida, na própria época e nos séculos seguintes. O que torna original os textos boccaccianos são as várias posições que transmitem sobre a mulher, uma visão caleidoscópica que inclui a mulher culta e inteligente, em *Elegia di Madonna Fiammetta* (1343-44), a mulher de mérito, possuidora da *claritas*, que se encontra em *De mulieribus claris* (1361), a mulher desonesta, herdeira dos modelos de Juvenal a São Jerónimo em *Il corbaccio* (c.1365); e a mulher maliciosa, que algumas vezes acaba enganada pela sua vítima, o homem, em *Decameron* (1349-52). O autor italiano abarca, no fundo, as várias facetas das mulheres da sociedade de trezentos e a sua percepção pelos homens.

*Il Corbaccio*, também conhecido como *Il labirinto d'amore*, é um texto de tipo satírico, de teor humorístico aliado a um objetivo moralista. O sujeito é desprezado por uma bela viúva e gozado pela sua velhice e origem plebeia. Num sonho, encontra o marido desta que, enviado por Deus, vem salvá-lo do labirinto do amor, que não é mais do que o “porcile di Venere”, a pocilga de Vénus, com a revelação de que a verdade é escondida pela desonestidade do mundo e pela beleza das mulheres, que confunde os homens.

E, tra l'altre vanità, quando molto sopra gli uomini si vogliono levare, dicono che tutte le buone cose son femmine: le stelle, le pianete, le Muse, le virtù, le ricchezze: alle quali, se non che disonesto sarebbe, null'altro si vorrebbe rispondere, se non: “Egli è così vero che tutte son femmine, ma non pisciano”.<sup>6</sup>

5. Ver MAGNUS, P.-A. – *De secretis mulierum (On the Secrets of Women)*.

6. BOCCACCIO, G. – *Laberinto d'amore et altrimenti Il Corbaccio*, p. 84.

Provavelmente por influência de Boccaccio, em Itália, a partir das duas últimas décadas do século xv e durante todo o século xvi, são dados a público cerca de 20 textos com o título de *Malícias das mulheres*, quer em verso, quer em prosa, em forma de diálogo, tratado ou sátira, muitas vezes anónimos, publicados em livro ou folheto, principalmente em Veneza, mas também em Florença, Bolonha, Roma, Nápoles e Perugia. Maria Luisa Doglio<sup>7</sup> opta mesmo por considerá-los como textos à parte no interior da tópica de traços misóginos e filóginos e na conjuntura de uma convergência de atenção dirigida à mulher em textos e línguas diversas. Na verdade, além desta vasta produção de Malícias, encontram-se igualmente obras de vários géneros (tratados doutos, diálogos, poesia satírica, poesia cortesã, novelas, poemas cavaleirescos, textos sobre bruxas e heréticas, *proverbia* e textos teatrais), cujo propósito é o de considerar a inferioridade da mulher ou a sua diferença em relação ao homem.

Em Espanha, o tratado moral *El Corbacho o reprobación del amor mundano* (1438), de Alfonso Martínez de Toledo, usa a técnica do sermão popular para condenar a lascívia, feminina e masculina, e repete os estereótipos da literatura misógina medieval, elencando os defeitos das mulheres e contando histórias que envergonham publicamente as artes por elas usadas, incluindo um catálogo de malícias: a avareza, a bisbilhotice e detração, a volubilidade no amor, a inveja em relação às outras mulheres, a inconstância, o facto de terem duas faces, o orgulho, a procura da vã glória, o perjúrio, a desobediência, a embriaguez, a sedução dos homens de qualquer idade. A tradição castelhana é continuada com *Celestina* (1499), de Fernando de Rojas, *Maldezir de mujeres*, do catalão Pedro Torrellas, e *Repetición de amores* (1496-97), de Luis de Lucena.

No interior de uma dupla tradição, como aponta Giancarlo Alfano,<sup>8</sup> humanística (*relaxatio anima*) e local e lúdica, desenvolvida na região da Toscana no contexto literário do século xvi, são dados à estampa diversos textos que tratam da mulher de forma jocosa e humorística e que se ligam de forma estreita com as Malícias e Enganos: das obras de Pietro Aretino (1492-1556), *Ragionamento della nanna e della*

7. DOGLIO, M. L. – Premessa. In CAPRA, F. G. – *Della eccellenza e dignità delle donne*, p. 56.

8. ALFANO, G. – Introduzione. In PICCOLOMINI, A. – *La Raffaella ovvero dialogo della bella creanza delle donne*, p. 8.

*Antonia* (1534) e *Dialogo nel quale la nanna insegna alla Pippa* (1536), às obras de Alessandro Piccolomini (1508-1578), como *La Raffaella ovvero dialogo de la bella creanza de le donne*. Nesta obra, em forma dialógica, teatral, à semelhança da personagem da velha camponesa de *La Celestina*, que procurava jovens donzelas para os abades, a Monna Bionda de Piccolomini tenta convencer uma jovem esposa a divertir-se com outros homens, ensinando-lhe as artes do disfarce e da mentira.

As malícias femininas multiplicam-se ao longo dos séculos e em Itália, entre o século XVIII e XIX, são publicados verdadeiros catálogos de malícias: que seriam 9999, segundo um folheto publicado em Nápoles na tipografia de L. Russo (intitulado *Novemila novecento novantanove malizie delle donne colle quali si tratta gl'inganni, astuzie, falsita, tradimenti, furberie, assassinamenti, belletti...*), ou 99, segundo o lunário humorístico publicado em Florença, na tipografia Adriano Salani, em 1884 (*Le 99 malizie delle donne ovvero Marianna che va in campagna: lunario umoristico per l'anno 1885*).

A par de uma tradição popular, desenvolvem-se os textos eruditos que envolvem autores da chamada grande cultura, num mosaico em que se encontram, por exemplo, Giovanni Passi (1569-1620), que elenca os defeitos femininos de forma “científica”, Lucrezia Marinella Vacca/Marinelli (1571-1653), que lhe responde, fazendo uso da uma larga bagagem cultural e do raciocínio filosófico, e os autores e autoras envolvidos na “Querelle des Femmes”, que usam e alimentam os textos das malícias e enganos em diálogos e *disputationes*. Se existem conquistas progressivas, como é o caso de Agrippas von Nettesheim – com o seu *De nobilitate et praecellentia foeminei sexus* –, os preconceitos aninhados nos pensamentos da cultura ocidental repetem, na vontade de decifrar, entender, elogiar, mas, acima de tudo, acusar a mulher, nas diversas expressões artísticas, a imagem dicotómica da mulher e a sua inferioridade e fundo diabólico.

Há também a considerar o cruzamento com os discursos sobre o casamento, os preceitos morais, cívicos e jurídicos. O ascendente feminino, feito de força e astúcia (não inteligência!), sobre o masculino motiva a advertência aos leitores em diversas áreas da sociedade. Obras com os mais variados objetivos (veja-se, por exemplo, a influência e divulgação desde o século XV de *Malleus maleficarum*, conhecido por *Martelo das bruxas*, dos inquisidores dominicanos Heinrich Institor (Krämer) e Jakob Sprenger, cuja primeira edição data de 1486-87,

em Estrasburgo, seguida de uma segunda em Speyre, na Alemanha, em abril de 1487, em que os autores consideram as malícias femininas obra do efeito de Satanás nos corações das mulheres), de diversos séculos, repetem, apesar das diferenças de época para época, teorias como sendo novas, atravessando nações e transmitindo-se em várias línguas para confirmar o comportamento fraudulento da mulher.

Se na *Primeira crónica geral* de Afonso X, a mulher é besta que não se farta, confundimento dos homens, cuidado sem fim, guerra que não termina, perigo do homem sem medida, não se ficam por menos os cientistas e intelectuais dos séculos XIX e início de XX, de Darwin a Schopenhauer, de Nietzsche a Freud, de Pierre-Joseph Proudhon a Max Nordau, de Cesare Lombroso a Miguel Bombarda, só para dar alguns exemplos. Sem capacidades intelectuais reconhecidas, com uma constituição física frágil e com uma psique débil e propensa a doenças mentais, como a histeria, haveria pouco lugar para a ideia de que a mulher teria a competência do uso da malícia, entendida como capacidade de engano inteligente. A malícia era vista como a astúcia dos desprovidos de inteligência, espécie de recurso inferior. Mas, obviamente, perigoso.

Também neste âmbito há a considerar as respostas femininas, como a da feminista brasileira Maria Lacerda Moura, que responde a Miguel Bombarda em 1924 com *A mulher é uma degenerada?*,<sup>9</sup> rebatendo ponto por ponto as conceções científicas do médico e contestando publicamente as ideias médicas da época.

Em Portugal, a obra mais conhecida ligada à tradição das malícias femininas é a de Baltazar Dias, *Malícia das mulheres*, que trata de muitas “sentenças, autoridades à cerca da malícia, que ha em algumas dellas” e inclui, como exemplos dos enganos femininos, a história de duas mulheres que desgraçam e ridicularizam os maridos. Com vida longa em forma de folheto, circulando ainda no início do século XX e imitado por autores populares, como o madeirense Feiticeiro da Calheta, o texto apresenta uma fusão entre a cultura erudita, com citações que vão dos autores greco-latinos aos medievais, e o gosto do que se pode considerar a classe burguesa da época. Sem a dimensão mais elitista da corte que era a primeira recetora das produções de Gil Vicente, o público que lhe comprava os poemas e os autos era vasto e

---

9. Ver, a propósito de Maria Lacerda de Moura, o livro de Miriam Lifchitz Moreira Leite, *Maria Lacerda Moura: uma feminista utópica*.

não deixava de ter uma educação que lhe permitia compreender as alusões e referências literárias. A etiqueta de “popular” aplicada ao autor tem muito de preconceito e tem vindo a criar um grande desconhecimento sobre a obra do dramaturgo, não permitindo a sua valorização no interior de um cânone literário que desconsidera a periferia ou os géneros populares.

De notar que é também do dramaturgo madeirense o folheto volante *Conselho para bem cazar*, de 881 versos, quase o dobro dos 460 do auto da *Malícia*, constituindo, em conjunto, uma leitura que perpetua a imagem da mulher como caprichosa e descendente da perfídia e do pecado de Eva. Mais sério e moralizador do que a *Malícia*, perpetua os estereótipos e preconceitos sobre o feminino. A obra de Baltazar Dias não está, no entanto, sozinha na tradição dos folhetos volantes das malícias.

Maria Regina Tavares da Silva, ao estudar o tema da mulher em folhetos volantes portugueses, verificou que nos pequenos folhetos ou papéis volantes (de formas diversas, como pequenas peças de teatro, diálogos, cartas, pequenas narrações, etc.), avulta com certo relevo a sua imagem social, os seus atributos, qualidades, papéis e funções.<sup>10</sup> Sujeito de crítica ou de troça, a imagem feminina é multifacetada e vai desde a mulher real, objeto de troça e crítica, à mulher ideal, a quem se dá conselhos e advertências. Sobre esta temática, o estudo de Betina Santos Ruiz<sup>11</sup> sobre a retórica da mulher nas polémicas dos folhetos de cordel é também muito interessante, demonstrando a importância das respostas femininas, das contra-respostas dos autores e da instauração de uma dinâmica de ataque-defesa-ataque que marca os folhetos de cordel e as malícias femininas.

Ao longo do tempo, vários foram os textos produzidos em Portugal sobre a temática das malícias e dos enganos. São exemplo deste facto as obras, só para elencar alguns títulos, no século XVIII, *Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres, perigo que corre a formosura, ainda quanto mais defendida: expressado no sucesso, que aconteceu*

10. SILVA, M. R. T. – O tema “mulher” em folhetos volantes portugueses. In *A mulher na sociedade portuguesa – Visão histórica e perspectivas actuais*, Actas, Colóquio 20-22 de março de 1985. Vol. II, p. 39-40.

11. RUIZ, B. – A retórica da mulher em polémicas de folhetos de cordel do século XVIII – Os discursos apologéticos de Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e outros nomes (quase) anónimos. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de Mestrado.

na cidade de Nápoles. *Conselho para maridos indiscretos, e velhos rabugentos. Primeira parte*, publicada em Lisboa, em 1753; *Cobra escondida na relva da astúcia feminina, e descoberta por José Caetano em uma elegia latina com a versão de José Coimbra* (Lisboa, 1754); *Malícia dos homens contra a bondade das mulheres: embargos que os homens põem à primeira parte. Mostra-se os males de que são causa* (Lisboa, 1759, nova edição 1805); *Nova relação contra as mulheres ou parvoíces dos seus enfeites* (17??), da autoria de Manoel Rodrigues Maia; *Espelho crítico, no qual claramente se vem alguns defeitos das mulheres, fabricado na loja da verdade pelo Irmão Amador do Desengano, “que pôde servir de estímulo para a reforma dos mesmos defeitos”* (1761), assinada Frei Amador do Desengano; *Carta curiosa, em que se mostra a vaidade, opinião e amor próprio das senhoras mulheres* (1763), de Manuel Martins Madeira e Mello; *Passatempo honesto, curioso divertimento. Demonstra-se a maldade das mulheres* (1763), em quatro partes.

É no século XVIII que aparecem as primeiras respostas femininas conhecidas, como é o caso das primeira e segunda *Carta apologetica, em favor e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezengano, “com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho crítico”*, as duas de 1761. O interessante neste texto é a referência que a autora faz à obra de Lucrezia Marinella, *La nobilità e la eccellenza delle donne, com difetti e mancamenti degli uomini*, publicada em Veneza, em 1600, também ela resposta a um livro de malícias editado por Giuseppe Passi, *I donneschi diffetti* (1599), no interior do ambiente social erudito, de alta cultura da cidade. A inclusão da referência à autora italiana demonstra o conhecimento e instrução de Gertrudes Margarida de Jesus, que, aliás, se oferece, com ironia, para traduzir para português a obra, caso Frei Amador do Desengano não domine a língua.

O cruzamento entre o público popular e erudito e a produção de folhetos e opúsculos continuará ao longo dos séculos seguintes, tanto em Portugal como no Brasil. É de 1816 o texto *Malícia das mulheres*, publicado no Rio de Janeiro, na Imprensa Régia. Brito Aranha, todavia, menciona edições deste folheto em 1788 e 1794. Se no final do século se encontram obras como *Verdadeira malícia e maldade das mulheres e a malícia dos homens: verdadeiro retrato da mulher maliciosa* (Porto, 1885), o início do século XIX vê a fama dos folhetos *A malícia e a maldade das mulheres solteiras, casadas, divorciadas*

*e viúvas; A malícia das mulheres velhas e novas, aumentada com A santidade de todos os homens*, de J. Pascoantes, que o Feiticeiro da Calheta, famoso autor do Bailinho da Madeira, copiará em grande parte, e *A mais completa e verdadeira malícia e maldade das mulheres, aumentada com A bondade dos homens*, de José de Almeida Cardoso, que em 1912 ia já na 15.<sup>a</sup> edição.

Compreende-se a reação de repúdio destes textos por parte de Emília Sousa Costa em *Olha a malícia e a maldade das mulheres*.<sup>12</sup> O livrinho é o texto de uma conferência – cujo título repete o pregão dos vendedores de repertórios, folhetos e sinas que divulgavam o texto das malícias – que pronunciou em junho de 1930, no Salão de Festas, em Lisboa, em que critica a imagem feminina criada pelos folhetos, reputando-a uma causa importante do mau tratamento da mulher. Os espíritos masculinos, ao ouvirem contadas as malícias e maldades femininas que diminuía o poder do homem, e influenciados por estes discursos, adotavam comportamentos abusivos em casa. No fundo, os folhetos que se vendiam nas festas e bailes populares acabavam por alimentar um discurso misógino que até podia ter objetivos de tipo lúdico, mas que acabava por ter influências sociais negativas.

A autora acusa os “picantes condimentos de imunda linguagem, para escarmenta do sexo feminino e em louvor e honra do sexo forte”.<sup>13</sup> Usados como “guia espiritual” por “camponeses casadoiros”, vendido em lojas de alfaiate e sapateiro, criam uma imagem das mulheres como malvadas e maliciosas, causas de todos os males, levando os homens a tratá-las como escravas, “espicaçados por palavras ásperas e obscenas”.

Chega, assim, ao século XX a produção de textos de malícias e enganos, muitos deles a influenciar outros livros que, de aparência mais inocente, com intuito de demonstrar as diferenças entre homens e mulheres, dão conta da eterna guerra dos sexos.

Os folhetos e a literatura de cordel não podem, como se pode verificar na tradição dos livros de engano e malícias, ser demarcados e objeto de uma distinção, com fronteiras nítidas, em relação à cultura produzida em meios eruditos. A vizinhança entre géneros e textos, e, neste caso, a temática da mulher vista em conjunto, impede linhas de separação que só acabariam por criar desentendimentos do que são a cultura e a literatura, lugares privilegiados de encontros e diálogos.

12. COSTA, E. de S. – *Olha a malícia e a maldade das mulheres!*

13. COSTA – *Olha...*, p. 7.

Não podendo ser compartimentada, sob risco de se perder a natureza antropológica das produções artísticas, a tradição das malícias revela a relação entre a produção intelectual – filosófica, científica, teológica, jurídica – e a circulação de ideias mais simplificadas, baseadas no senso comum e na transmissão oral de histórias relativas ao comportamento feminino. Os livros, e também os folhetos e livros de cordel, que a constituem inserem-se num todo complexo que permite compreender através dos séculos a permanência de *topoi* que transitam entre o erudito e o popular, o escrito e o oral, o formal e o coloquial, o local e o universal.

Ao longo dos séculos, verifica-se o que Marc Angenot designa como “geologia de escritas mediante uma reutilização infinita de materiais textuais”.<sup>14</sup> De facto, a tradição (feita de muitas tradições) ligada aos textos das malícias e às suas respostas tem em comum ser espaço de coexistência de textos anteriores, de várias proveniências, unindo o erudito ao popular, e recomeço de outros textos, numa polifonia que é usada como exposição de representações – imagens, ideias e conceitos – ligadas à figura feminina. Através da exemplaridade, da autoridade e da memória, as obras, dos salões literários à feira popular, às lojas dos sapateiros e barbeiros, os textos constroem em conjunto um imenso repertório não só lúdico, mas também de tipo pedagógico, de advertência aos homens de que as mulheres de hoje serão sempre como as mulheres de ontem. Esta tradição e discursos a ela ligados fazem parte dos perigos que Emília de Sousa Costa tão bem elencou, já que reduzem e normalizam a perspectiva misógina da figura feminina, com consequências sociais graves.

## Referências

- ALFANO, Giovanni – Introduzione. In PICCOLOMINI, Alessandro – *La Raffaella ovvero dialogo della bella creanza delle donne*. Roma: Salerno Editore, 2001.
- ANGENOT, Marc – *Glossário da crítica contemporânea*. TAMEN, Miguel, trad.; SEIXO, Maria Alzira, pref.. Lisboa: Editorial Comunicação, 1984.
- BOCCACCIO, Giovanni – *Laberinto d'amore et altrimenti Il Corbaccio*. Florença: Pasquale Caselli, 1826.
- COSTA, Emília de Sousa – *Olha a malícia e a maldade das mulheres!* Lisboa: [s.n.], 1932.

---

14. ANGENOT, M. – *Glossário da crítica contemporânea*, p. 132.

- DIAS, Baltazar – *Baltazar Dias*. FRANCO, José Eduardo; PAOLINELLI, Luísa Antunes; TRINDADE, Cristina, coord. e textos. Viseu/Porto: Edições Esgotadas, 2018.
- DOGLIO, Maria Luisa – Premessa. In CAPRA, Flavio Galeazzo – *Della eccellenza e dignità delle donne*. 2.<sup>a</sup> ed. Roma: Bulzoni Editore, 2001.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira – *Maria Lacerda Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 2005
- MAGNUS, Alberto – *Women's secrets: a translation of Pseudo-Albertus Magnus's De Secretis mulierum with commentaries*. LEMAY, Helen Rodnite, trad. Albany, NI: State University of New York, 1992.
- MARZOLPH, U.; LEEUWEN, R. Van – *The Arabian nights encyclopedia*, coll. Hassan Wassouf. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2004.
- MOURA, Maria Lacerda – *A mulher é uma degenerada?*. S. Paulo: Typ. Paulista, 1924.
- ORAZI, Veronica – *Sendebat, Il libro degli inganni delle donne*. Alessandria: Edizione dell'Orso, 2005.
- PICCOLOMINI, Alessandro – *La Raffaella ovvero dialogo della bella creanza delle donne*. Roma: Salerno Editrice, 2001.
- RUIZ, Betina – *A retórica da mulher em polémicas de folhetos de cordel do século XVIII – Os discursos apologéticos de Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e outros nomes (quase) anónimos*. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, Maria Regina Tavares – O tema “mulher” em folhetos volantes portugueses. In *A mulher na sociedade portuguesa – Visão histórica e perspectivas actuais*, Actas, Colóquio 20-22 de março de 1985. Vol. II. Coimbra: Instituto de História Económica e Social, FLUC, 1986.